

O amor primeiro – a vida amorosa no imaginário indígena

Betty Mindlin*

I

Passo o dia inteiro olhando minha mãe, não gosto quando ela sai, detesto ficar longe. Ela é tão bonita, tão quentinha. Estou crescendo depressa, já bato na cintura dela. Sou um menino forte, sei fisgar peixinhos, os menores, consigo fazer fogo, carrego tigelas de água. Quando minha mãe me chama para coletar frutos silvestres em sua companhia, meu gosto é mirar sua tanga *masakana*, pequena, tecida por ela, cobrindo apenas o púbis. Dentro de casa ela tira essa roupa, que é a única que as nossas mulheres usam, além de um pano curto pendurado nas costas. Fica mais bonita ainda, toda nua, os cabelos pretos caindo nos ombros morenos até o meio das costas. Eu me aproximo dela, passo a mão em sua perna, sinto a pele suave, levanto os braços para pedir colo e ela me pega.

Meu pai foi caçar e vai ficar fora muitos dias. Os pássaros fogem de nossas cabanas, ele tem que andar muito e não me leva junto. Não me incomodo, aqui dentro de casa com minha mãe é que estou feliz.

Ela não para de trabalhar. Abaixa-se para varrer o chão com a vassoura de folhas sem cabo, só com galhos amarrados, ou para mover as panelas, para mexer a sopa no fogo. Eu ando atrás, e a cada movimento seu vejo a fenda escura; dizem que é daí que eu vim, antes vivia nadando lá dentro. Ai, que vontade de voltar! Eu queria olhar melhor os pedacinhos lisos em torno da passagem, pôr a mão, mas estão sempre escondidos quando ela está de pé. É o que eu já vi de mais maravilhoso na vida. Não quero mais nada.

– Mamãe, quero aquilo! – gritei, e apontei para o seu corpo.

* Betty Mindlin é antropóloga e autora, entre outros livros, de *Diários da floresta* (São Paulo: Terceiro Nome, 2006).

Minha mãe quer sempre me agradar, nunca me deixa chorar. Vem me trazer tudo que é bom de comer: peixinhos, cogumelos, frutinhas, mariscos. Estou com fome, mas não é isso que eu quero. Se eu aceitar, ela não vai entender! Virei a cara, atirei as guloseimas no chão.

– Mãe, quero aquilo! – berrei como quem está morrendo.

Ela ficou desesperada. Foi buscar umas conchas lindas, plumas coloridas, enfeites, um gorro de pele de guanaco. E mais: uma faca de osso de baleia, passarinhos vivos para eu criar, mais um cachorrinho! Bem que eu estava doido para pegar tudo, cestos, pedrinhas roliças, mas não vou ficar satisfeito! Torci o nariz.

– Mamãe, quero aquilo! Quero essa coisa! – eu chorava tanto que era como se estivesse apanhando de alguém.

Ela pôs-se a pensar, não sabia o que fazer. Atrapalhadíssima, quase chorando, algumas lágrimas escorreram. Tanto fez para me acalmar, que ficou exausta. Foi deitar-se, relaxou, parecia dormir. Eu também, no meu canto, fingi que adormecera, mas espiava com o rabo do olho.

– Mamãe, quero aquilo! Quero aquilo!

Como ela cansa com meu berreiro! Fiz silêncio, com pena dela. Achando que eu estava dormindo, ela levantou-se, procurou suas cestas, murmurando para si mesma: “Vou à praia buscar mexilhões”. Com a cesta nos braços, deixou a nossa cabana. A poucos passos deu com uns mexilhões bem grandes. Agachou-se e juntou-os na cesta. Sentado na cama, eu contemplei-a pela abertura da casa. De cócoras para catar os moluscos, de costas para mim, a visão do que tem entre as pernas era uma delícia.

Levantei-me num impulso, pintei de preto, com pó de carvão, a cabeça, o rosto, o peito. As pernas cobri com *imi*, uma terra vermelha para pintura. Enfeitado, corri para a praia, ao encontro de minha mãe. Passei por outras mulheres curvando-se na areia para juntar os bichinhos. Eu as via por trás, exibindo, ao ciscar o chão, na mesma posição que minha mãe, o túnel semelhante ao dela, mas não

me deu vontade alguma de tocá-las. Ultrapassei-as, cheguei pertinho de minha mãe, distraída com sua tarefa. Ela se esquecera de vestir a tanga; pus as mãos no que me atraía... Como é bom brincar nesse lugarzinho! Gostei muito, muito, e ela deixou. Ah, alegria! Lá estava o que eu quero! Parecia estar me chamando!

– Mãe, mamãe, é isso que eu quero, essa coisa! Aqui, onde estou tocando! É gostoso puxar, como é bom brincar no mel! Não me mande embora, agora estou feliz, você também está, dançando nas minhas mãos!

– Vem gente, as outras mulheres vão nos ver, melhor fugirmos! – ela sussurrou.

Minha mãe e eu corremos para o rio e entramos em nossa canoa. Fomos para uma ilha pequena, deserta, onde ninguém costumava ir.

Eu a abracei, deitados os dois, parece que fiquei maior, eu mesmo entrando dentro dela, cresci numa parte de meu corpo, ficamos unidos, nunca mais íamos nos desgrudar, só nós dois...

Quanto tempo passou, eterno? O sol foi se pondo. Além da lança afundada nas reentrâncias de minha mãe, fui sentindo asas crescerem nas minhas costas de criança. Percebi que roçavam as de minha mãe, nossas bocas tornaram-se bicos unidos.

Desde então, podemos voar sempre juntos, somos lindos gansos-bravos, pousamos nas rochas, olhamos as cabanas onde há pouco morávamos. Divisamos meu pai quando voltou da caça. Procurou-nos aflito, tristíssimo por não nos achar, perguntando por nós. Meus tios apontaram para minha mãe voando comigo, dois pássaros na quietude da praia, jamais vistos antes, somos os primeiros gansos selvagens do mundo. Meu pai sabe que somos amantes e que nos perdeu para sempre, tenho a coisa que eu quero.

Esse mito tão explícito sobre a realização do grande desejo de meninos pequenos do mundo inteiro provém dos Yamana, também denominados Yaghan, um povo da Terra do Fogo que conta na atualidade com pequena população que já não mantém a

vida comunitária anterior, massacrados que foram desde o final do século XIX, expulsos de suas terras, assassinados, extintos por doenças. A narrativa acima é uma livre recriação de um mito registrado e escrito por um missionário católico alemão, Martin Gusinde, da Congregação do Verbo Divino. Entre 1918 e 1924 realizou quatro expedições, nas quais estudou, além dos Yamana, outros povos, como os Selknam e Alacaluf. Sua devoção religiosa em nada parece ter prejudicado o livre estilo ao transmitir a sexualidade sem freio dos narradores e narradoras – sobretudo a de uma senhora respeitada na comunidade Yamana, Julia, de uns 55 anos, sua melhor fonte.

A obra de Gusinde é uma prova da importância do registro da tradição oral, quando benfeito. Um século depois, um povo quase destruído aparece em toda a sua grandeza, pela voz gradada de alguns poucos artistas da fala. Outro povo próximo dos Yamana, os Selknam, contam com um verdadeiro monumento escrito, elaborado pela antropóloga Anne Chapman, baseado em fontes do século XIX e início do XX e em sua pesquisa recente com duas mulheres desse povo (Chapman, 2008). Quando tradições são esgarçadas pelas catástrofes da humanidade, ainda assim se pode conservar a imagem grandiosa de um ser anterior.

A verdade é que os mitos registrados por Gusinde, mesmo não sendo mais contados de viva voz, são para nós uma forte presença do imaginário indígena, uma obra rara, fiel ao que contaram os narradores.

Na antologia Yamana, na tradução para o inglês, há 66 mitos contados por vários narradores – dos quais a mais marcante é Julia – e, destes, pelo menos uns dez são magistrais. Podem candidatar-se ao concurso do amor mais proibido do mundo.

A versão acima do mito que Gusinde intitulou “O casal de gansos selvagens” baseou-se em uma tradução para o inglês (Wilbert, 1977).

II

O mito a seguir origina-se de outro polo de registro da tradição indígena. Dessa vez, trata-se de um povo cuja língua está viva, os Maxacali de Minas Gerais, que apenas agora passam a falar o português e a escrever em sua língua e na nossa. Os Maxacali mantêm a memória, grande parte dos rituais e crenças religiosas, mesmo com as transformações das características da sua sociedade ao longo de mais de duzentos anos de contato, com as duras pressões econômi-

cas e a espoliação a que vêm sendo submetidos. Há poucos anos começaram a escrever seus mitos na própria língua, alguns com tradução para o português, apoiados pelo magnífico trabalho de formação de professores e licenciatura indígena criado na Universidade Federal de Minas Gerais (ver Almeida, 2009), com antropólogos e linguistas competentes (ver Bicalho, 2010).

A versão abaixo não é a do mito publicado por eles em saboroso estilo, mas sim uma livre redação, uma forma de entendimento. Com mitos, o ideal é a fidelidade máxima aos narradores e seus direitos como autores. Recontar sempre deturpa, interpreta e reelabora a narrativa. Por outro lado, um resumo é indispensável para chamar a atenção para o forte e raro conteúdo expressado por esse povo extraordinário. É assim dada uma notícia do que fazem, recomendando a leitura e a consulta aos originais, editados com belas ilustrações pelos indígenas (Povo Maxacali, 2005).

Antigamente, muito antigamente, no tempo dos antepassados, todos os homens Maxacali foram caçar, deixando suas mulheres sozinhas com as crianças. Por muito tempo, elas aguardaram esperançosas a chegada dos maridos, que certamente viriam carregados de carne. Mas nada dos caçadores. Desanimadas, convenceram-se de que alguma desgraça devia ter acontecido e seus homens não voltariam mais. Não suportavam viver sem marido e tiveram a ideia de trocar os filhos umas com as outras. Ensinariam cada menino a fazer o mesmo que o pai com a mãe – mas sempre com a mãe de outro. Assim fizeram; eles aprenderam depressa, com muito gosto. Somente um garoto não soube concretizar os gestos amorosos com a mãe que lhe coube.

Passou tempo, muito tempo, e, para surpresa das mães, um dia os maridos voltaram. Surpresa maior foi a deles: muitas mulheres estavam grávidas, outras tinham tido crianças. E eles haviam partido muito antes, era impossível serem seus os rebentos! – Como pode ser? – indignavam-se os homens. – Nenhum de nós estava aqui, como elas engravidaram? Está esquisito, de cabeça para baixo!

Um dos maridos deu muita caça à sua mulher, que preparou bem a comida, carinhosa como antes. Comeram, mas o filho, um menino – talvez bem

aquele desajeitado, incapaz de namorar a mãe postiça –, não parava de chorar, recusava até mesmo a carne. O pai e a mãe insistiam em saber o que ele queria, procuravam adivinhar como agradá-lo e fazê-lo parar de berrar, mas a fúria do moleque só crescia. A mãe mais uma vez perguntou o que ele tinha. E ouviu:

– Quero essa coisa! Quero isso aqui! – e apontou, ou pôs o dedo no meio das pernas da mãe. Talvez tenha se comportado assim porque não tinha realizado o mesmo que os outros com uma das mães alheias e desejasse a experiência só com a própria mãe.

O marido não gostou nada, ficou até sem respirar, com um monstro dentro do peito, nem comeu mais. Foi à Kuxex, que os Maxacali chamam, em português, de Casa de Religião, lugar sagrado de reunião dos homens, proibido às mulheres. Convocou todos os companheiros e derramaram-se em queixas, enciumados e enraivecidos contra as mulheres que haviam engravidado sem eles. Sua decisão foi arrancar os olhos dos meninos, mas só depois de examinar os pintinhos deles, para ver se eram eles mesmos os responsáveis pelos novos nascimentos. Olhavam, olhavam – ah, esse fez, aquele fez, o outro também. Como conseguiam descobrir por esse exame, não se sabe. Perceberam que somente um dos meninos – parece que foi o que chorou demais quando o pai voltou para a mãe verdadeira, o que esperneava apontando para o corpo dela – não fizera nada.

Feito o diagnóstico dos meninos culpados, levaram-nos todos à Kuxex, à Casa dos Homens, e lá arrancaram-lhes os olhos. Dentro da Casa de Religião é proibido chorar ou gritar, é necessário o silêncio. Eles devem ter sofrido a mutilação quietos, com coragem. Do menino que não tinha namorado, arrancaram apenas um dos olhos. E foi ele quem guiou os outros para que recuperassem a visão.

Fez com que todos se dessem as mãos, levou-os pelo caminho, cortou uma árvore e pôs no rio, para por ela descerem ao domínio do Rei dos Peixes. Esse os recebeu bem, deu um facão a cada um, pôs dois olhos em cada menino. No que tinha ficado com

um olho só, o que berrara que “queria aquilo” e indicara o meio das pernas da mãe, ele tentou pôr o olho que faltava, mas o garoto não aguentou, sentiu muita dor. Ficou com um olho só mesmo. Dizem que até hoje, entre os Maxacali, nasce criança de um olho só, um olho esquisito ou esbranquiçado. É raro, mas acontece. Quando a turma voltou a enxergar, o Rei dos Peixes mandou que voltassem para casa e matassem cada um o pai do outro, “para ficar do jeito que queriam”.

Ou seja, supõe-se, ficar com as mães, substituindo os adultos. A história omite se eles de fato o fizeram, se mataram os homens adultos e ficaram com as mães.

Para um público versado em interpretações, de sonhos ou comportamentos, não há de escapar a característica central, a cegueira dos meninos transgressores – se é que não foram as mães as principais infratoras. Característica que evoca outro mito famoso, antigo, teatral, sobre o mesmo tema... Curioso é que, *stricto sensu*, não houve incesto, pois cada menino uniu-se à mãe do outro. Infidelidade houve, sim, mas necessária, pois a espécie desapareceria se de fato os homens houvessem sumido para sempre. Ou talvez, no sistema de parentesco desse povo, mães não biológicas fossem a elas equivalentes.

De todo modo, o gesto de desejo de um menino pequeno aproxima os dois mitos contados e escritos em épocas e regiões tão diferentes. Confere-lhes o mesmo estatuto de honra que ao mito grego de mãe e filho.

III

Os dois mitos, o Yamana e o Maxacali, são lidos por nós com muitas metamorfoses, através das sucessivas traduções. No primeiro caso, do oral e da língua indígena para o alemão escrito, em seguida para o inglês, deste para o português, com alguma recriação. Ainda assim, o conteúdo resiste, apesar das prováveis perdas. O que fica de fora é a estrutura da fala e da língua indígenas, que acrescentariam novidade ao nosso universo literário escrito.

No segundo caso, há menos línguas envolvidas e houve acima uma resumida versão do conteúdo, baseada na redação feita pelos próprios índios. O que se perde quando se reconta um mito com o

fim de ressaltar temas ou motivos é a riqueza de transmitir a estrutura de uma língua à outra, o novo estilo, traços que o português literário pode ganhar e incorporar. As oficinas com os Maxacali na UFMG, coordenadas por Maria Inês de Almeida, os numerosos livros bilíngues de autoria indígena, as publicações e teses de um estudioso, Charles Bicalho, o trabalho de uma etnomusicóloga, Rosângela Tugny, revelam uma arte elaborada, que mesmo quando comparada à de outros povos brasileiros é marcante. Imagens, música, uma língua que se expressa de modo muito diferente do português, o cuidadoso trabalho de tradução, com acompanhamento por linguistas, fazem dos Maxacali escritores-artistas-músicos que abrem um caminho novo.

Surge assim a formação de uma literatura escrita por povos indígenas. É importante que eles examinem e avaliem recriações de seus mitos, textos que são filhos e descendentes de seu saber tradicional. À sua moda, com conhecimento da própria língua e da tradução possível para o português, vão aos poucos produzindo sua ficção e seus registros inovadores.



- Almeida, M. I. de. (Coord.). (2009). *Tabebuia/IPÊ – Índios Pensamento Educação*. Ano 1. Belo Horizonte: Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas/FIEI/UFMG.
- Bicalho, C. (2010). *Koxuk, a imagem do yãmîy na poética maxakali*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Chapman, A. (2008). *Quand le Soleil voulait tuer la Lune*. Paris: Métailié.
- Giaccaria, B. e Heide, A. (1975). *Jerônimo Xavante conta*. Apresentação de Egon Schaden. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco.
- Povo Maxacali. (2005). “*Kakxop pahokxop*, As crianças cegas”. In Povo Maxacali, Penãhã, livro de Pradinho e Água Boa (pp. 29-36). Belo Horizonte: FALE/UFMG CGEEI/SECAD/MEC.
- Wilbert, J. (Ed.). (1977). *Folk literature of the Yamana Indians. Martin Gusinde’s Collection of Yamana Narratives* (pp. 73-75, mito 26, narradora Julia). Los Angeles: University of California Press.

REFERÊNCIAS

RESUMO | SUMMARY

O amor primeiro Dois mitos indígenas distantes entre si no espaço e no tempo, um dos Yamana da Terra do Fogo no começo do século XX e outro dos Maxacali de Minas Gerais, publicado pelos próprios índios em 2005, têm em comum o tema do incesto entre mãe e filho. Foram registrados, traduzidos e escritos de formas muito diferentes, analisadas nesse artigo. São um chão para pensar o que é o amor entre os índios no imaginário, como nos toca e nos diz respeito. *First love Two indigenous myths separated by time and space share the central theme of incest between mother and son. One was told by the Yamana from the Tierra del Fuego, in the beginning of the twentieth century, whilst the other comes from the Maxacali from Minas Gerais, and was published by them in 2005. The stories were registered, translated and told in very different ways. Delving into them provides a basis from which we can gain an insight into how the Indians imagine love, how it touches us and what it reveals.*

PALAVRAS-CHAVE | KEYWORDS

Narrativa indígena. Mitologia e sexualidade. Povos Yamana e Maxacali. | *Indian storytelling. Mythology and sexuality. Yamana and Maxacali peoples.*

BETTY MINDLIN

Rua Hilário Magro Júnior, 415
05505-020 – São Paulo – SP
tel.: 11 3813-5207
arampia.mindlin@gmail.com